Carta aos membros da Associação Santos Mayeul e Martin: « Estou longe de ser a única pedra episcopal na praia… »

por padre Olivier Rioult | 15 de junho de 2018 |

Após a publicação do artigo: *"As razões invocadas por Mons. Faure para cancelar a peregrinação do Puy são verídicas?"*, o Presidente da *Associação Santos Mayeul e Martin* (ASMM) enviou ao diretor de *La Sapinière* vários e-mails solicitando a retirada deste artigo.

Aqui está a resposta do diretor de *La Sapinière* aos membros da *Associação Santos Mayeul e Martin.*

Caros membros,

No dia 21 de maio de 2018, o Presidente da sua Associação me enviou uma mensagem pedindo para « *retirar o mais rapidamente possível* » o artigo intitulado: "As razões invocadas por Mons. Faure para cancelar a peregrinação do Puy são verídicas?". Ele reprovava o uso de « *e-mails* », de « *correspondências e de confidências* ». Em seguida, nos dizia que deveria consultar o Conselho da ASMM para « *julgar a pertinência* » desta « *iniciativa* »: « *O Conselho da associação discutirá a questão em profundidade na próxima semana e lhe informaremos mais detalhadamente sobre nossas objeções, incluindo as imprecisões e omissões que distorcem a veracidade do seu relato, e nossas conclusões…* »

Respondemos ao seu Presidente: « *Como, segundo você, o texto compromete também de certa forma a Associação Santos Mayeul e Martin, estou disposto a considerar seu pedido para retirar esta publicação. Mas você entenderá facilmente que uma simples opinião pessoal e a falta de elementos factuais e documentados não me permitem, de imediato, atender à sua solicitação. Aguardo, portanto, as decisões que a ASMM tomará na sua próxima reunião, assim como o detalhamento das objeções que a ASMM apresentará, incluindo essas supostas imprecisões e omissões que poderiam até distorcer a veracidade do relato…* »

As semanas se passaram e, apesar de nossa solicitação reiterada para conhecer as conclusões *« da ASMM sobre o artigo em questão* », não recebemos nenhuma notícia de sua Associação. O Presidente não achou necessário cumprir o que havia anunciado. Portanto, ele se omitiu em nos informar sobre as « *decisões que a ASMM tomará na sua próxima reunião, assim como o detalhamento de suas objeções* ».

Esse silêncio indica que não foi possível, como havia afirmado um pouco apressadamente e gratuitamente o seu Presidente, demonstrar uma omissão ou uma imprecisão que pudesse trair a verdade dos fatos ou distorcer a exatidão das conclusões do artigo. Como *La Sapinière* tem a preocupação de servir a verdade, ela se alegra com isso.

O artigo de *La Sapinière* não ofende a verdade, mas era oportuno? Esta questão resume, por si só, as principais objeções que o seu Presidente manifestou. Ele escrevia de fato: « *Quando La Sapinière divulgou as confidências do padre Faure sobre o capítulo geral, apesar de seu voto de segredo* », isso era « *favorável ao bem comum* » porque havia « *perigo para a fé* » devido ao *« alinhamento com a igreja conciliar da*

FSSPX. » Enquanto a divulgação deste artigo *« prejudica o bem comum. Claro, posso estar errado, por isso pedi para que fosse retirado enquanto os membros da nossa associação se consultam…* »

Acreditamos de fato que seu Presidente cometeu um erro e aproveitamos esta oportunidade para esclarecer alguns mal-entendidos, a fim de compreender melhor a justificativa da divulgação do artigo.

Havíamos perguntado ao seu Presidente, sem infelizmente obter uma resposta de sua parte: « *O espírito sectário não é, segundo você, um perigo para o bem comum? É compatível com a fé? A recusa em dar o sacramento da confirmação é compatível com a lei da Igreja e a salvação das almas?* » É respondendo a essas perguntas que se pode realmente avaliar a pertinência do artigo e sua utilidade para o bem comum.

Um espírito sectário…

Existe uma certa *Resistência* que costuma afirmar que, fora do que considera ser « *a posição de Mons. Lefebvre* », não há salvação; ou, o que é a mesma coisa, se alguém se desvia do julgamento de Mons. Lefebvre sobre um ponto, deixa de existir como verdadeiro católico… Este argumento, frágil e desgastado, ainda pode impressionar de forma razoável? Quanto à sua fragilidade, remetemos às páginas 47 a 109 do livro *L'Église et l'Apostasie* escrito por Padre Rioult. Quanto ao seu desgaste, lembremo-nos de que Mons. Fellay justifica, não sem fundamento, sua desastrosa política vaticana explicando que segue a posição prudencial de Mons. Lefebvre…

Mas Monsenhor Lefebvre não era "non una cum"! Talvez, e então? Segundo as memórias do Padre Pivert, compartilhadas com os colegas na reunião da USML: "Monsenhor Lefebvre não tinha problemas em cooperar com certos sacerdotes sédévacantistas", como os padres Coache, Gaillard, Vinson, Moureaux... Mas, sobretudo, com base em qual princípio não se teria o direito de criticar uma posição de Monsenhor Lefebvre quando se tem argumentos magisteriais para fazê-lo? Não esqueçamos que a Igreja desmentiu São Tomás de Aquino em um ponto de doutrina e deu razão a Duns Scot, um teólogo que a Igreja não canonizou. Não esqueçamos que São Bernardo, o grande Doutor Marial, era um adversário da Imaculada Conceição, pois escreveu aos cânones de Lyon para reprovar-lhes a adoção da festa da Conceição de Maria. Tudo isso deveria nos convidar à mais profunda humildade e à maior circunspecção enquanto a Igreja não resolver autoritativamente a controvérsia que afeta nossa época apocalíptica sobre o papa herege.

É frequentemente a paixão que leva a formular essas afirmações peremptórias e imperativas do tipo: « *siga o julgamento prudencial de Mons. Lefebvre, caso contrário…* » Este argumento soa muitas vezes como uma porta de prisão que aprisiona as inteligências em uma lógica sectária. É livre para Mons. Faure e Mons. Williamson manter certas posições criticáveis de Mons. Lefebvre por apego sentimental, mas não a ponto de fomentar divisões entre os fiéis.

No entanto, no caso que nos ocupa, é bastante fácil reconhecer a origem do comportamento sectário. Quem recusou a presença do outro na peregrinação que vocês organizaram em 2017? Houve um tempo, por exemplo, em que Padre Salenave, em vez de nos evitar, aceitava substituir-nos. Hoje, seguindo o mau exemplo dos bispos, ele nos rejeita.

Eu sei que sua Associação não é sectária. Um de seus membros é um sacerdote *non una cum* e vários de seus membros preferem as missas *"non una cum"* celebradas por sacerdotes da FSSPX. Alguns membros são até sedevacantistas. Que sua Associação permaneça o que é e não favoreça o espírito ruim.

Uma grave incompetência…

Existe em uma certa *Resistência* uma propaganda, se não mentirosa, pelo menos errônea, que engana concretamente os fiéis, mantendo-os na ilusão. De fato, não é suficiente entender que Mons. Fellay é um traidor e afirmar que Mons. Lefebvre é um santo para se tornar o Atanásio do século XXI.

Alguns sites fazem acreditar que Mons. Williamson, Mons. Faure e outros seriam os únicos e autênticos salvadores da Tradição, e que todos os verdadeiros católicos dispersos devem se unir sob sua bandeira para se entregar à *Reconquista*… A realidade é mais complexa. É de conhecimento público entre todos que colaboraram com ele que Mons. Faure é radicalmente incapaz de assumir a carga que aceitou e as obras que fundou. Seus antigos superiores e confrades na FSSPX, assim como vários que deixaram a FSSPX, compartilham o mesmo julgamento. Esta afirmação é dolorosa, mas corresponde à realidade e diz respeito ao bem comum. Alguns detalhes são necessários para que vocês percebam que essa afirmação não é nem gratuita nem maliciosa. O padre Salenave, por exemplo, nos confidenciou que, no seminário, « *Mons. Faure não faz nada…* » e nosso abade sugeria, na época, a necessidade de enviar Mons. Faure, discretamente, para a América do Sul para que ele exercesse um simples ministério. O padre Pivert também nos confidenciou em uma reunião da USML, sobre Mons. Faure e seu braço direito, o padre Trincado: « *É evidente, não se pode colaborar com esses confrades…* » Mons. Williamson também revelou a um confrade que a SAJM fundada por Mons. Faure: « *é uma farsa…* » Por fim, seu próprio Presidente considerava que Mons. Faure era paranoico e que seu caso era uma questão médica… E poderíamos ampliar a lista de testemunhos, muitos dos quais concluem que o padre Faure não pode fazer muito mais do que celebrar a Missa piamente. O que, de qualquer forma, já é bastante.

Graves incoerências…

« *Tudo isso é verdade, mas deve-se calar* », dirão alguns. Por quê? Desde quando se deixa que as pessoas subam uma escada sem informá-las de que alguns degraus estão podres? Não é, ao contrário, mais apropriado alertá-las sobre o perigo? Se a SAJM de Mons. Faure é apenas « *uma farsa* », como pensa Mons. Williamson, por que ele deixa os seminaristas nessa ilusão? Alguns realmente notaram desordens, mas parecem mais preocupados em projetar uma imagem falsa de sua *Resistência* na Internet do que com o destino desses jovens atraídos pela miragem.

Essa atitude ambígua, ou mesmo contraditória, de Mons. Williamson sobre a SAJM (pois, por um lado, ele se alegra com essa iniciativa e, por outro, a considera quimérica) infelizmente não se limita a esse assunto. Por um lado, ele dedica muitas intervenções para alertar contra os sedevacantistas, mas, por outro lado, Mons. Williamson confia a um de nós que os nove sacerdotes sedevacantistas que deixaram a FSSPX em 1983 faziam um bom trabalho nos EUA…

Esses discursos incoerentes têm confundido e desorientado mais de um sacerdote e mais de um fiel. Façam vocês mesmos a contagem dos sacerdotes que se opuseram à traição de Mons. Fellay e vejam quantos deles deixaram de colaborar com Mons. Williamson: o Carmelo e todos os sacerdotes alemães, tal abade suíço, tal abade inglês, tal abade flamengo, tais abades da América do Norte, tais abades da América do Sul… E a lista não é exaustiva. Além disso, há aqueles que colaboram com Mons. Williamson por pura utilidade e com desconfiança. E aqui, preferimos não fazer nenhuma alusão, pois alguns nomes poderiam surpreendê-los. No final das contas, não é certo que se possa citar dez nomes de sacerdotes ao lado de Mons. Williamson…

É culpa nossa? É resultado da publicação de um artigo em *La Sapinière*? Evidentemente não. Quando pedimos a Mons. Williamson esclarecimentos sobre algumas incoerências e injustiças em andamento, como tivemos a oportunidade de fazer recentemente, ele reagiu, infelizmente, com raiva, bateu violentamente na mesa da cozinha e então se enclausurou no silêncio, interrompido de tempos em tempos por esse simples argumento de que, sendo bispo, não tinha a obrigação de responder às perguntas que lhe eram feitas. Não uma obrigação legal, certamente, mas moral? Encontramos esse mesmo sintoma em Mons. Faure. E tudo isso é bastante lamentável…

Uma guerra insensata!

Os fatos nos obrigam a constatar que, através de ações duvidosas, Mons. Faure e Mons. Williamson são os responsáveis por um certo bloco de sacerdotes que, além de serem « *una cum Francisco* », também se mostram sectários e beligerantes contra aqueles que não compartilham seu ponto de vista. E é isso que

prejudica o bem comum, muito mais do que sua opinião errônea. O mal vem, portanto, dessas ações subterrâneas e não de suas divulgações em público. Alguns sacerdotes foram vítimas de um comportamento injusto e hipócrita. Diante de tal realidade, a melhor solução é expor os fatos em toda sua totalidade e simplicidade. Esta guerra iniciada por um pequeno bloco de sacerdotes « *una cum* » nunca foi desejada nem alimentada por nós, mas **nos foi imposta de maneira insensata**. De qualquer forma, o melhor meio de promover a moderação e convidar à razão era trazer à luz o que estava se tramando nas trevas.

Quando se pergunta, por exemplo, a Mons. Williamson, por que, em duas ocasiões, em 2015 e 2017, no beijo de paz litúrgico, um ato público por excelência, ele tomou a liberdade de dizer a Padre Pinaud « *Bellum tecum* » em vez de « *Pax tecum* », não se obtém resposta… Quando Padre Cardozo reprochava a Mons. Williamson, talvez de forma veemente, mas justa, sua tendência episcopal de ver facilmente milagres eucarísticos na missa de Lutero, sobre a qual ele dizia: « *Há casos em que se pode assistir à missa moderna com o efeito de fortalecer a própria fé em vez de perdê-la* », Padre Cardozo recebeu como resposta de Mons. Williamson: « *Padre , paciência, o caos está apenas começando…* » Quando Padre Roy, há mais de dois anos, solicita a Mons. Williamson e aos bispos consagrados por ele que venham administrar o sacramento da confirmação aos fiéis, Mons. Williamson recusa e os outros se contentam com um silêncio cúmplice. Mas recusar sem razão conferir um sacramento a fiéis que precisam dele e que o solicitam legitimamente não é uma ruptura injusta da comunhão que deve unir os membros da Igreja e da qual não se pode faltar sem uma falta muito grave? Não é isso um sinal de uma certa atitude sectária?

Nós mesmos, para promover a paz, propusemos várias vezes encontros onde cada um pudesse expressar o que tinha no coração para construir uma união com base em relações saudáveis. Mas fizemos isso em vão: todas essas propostas foram desprezadas. Ora, para evitar essa triste situação, teria sido suficiente que Mons. Williamson fosse fiel à sua palavra. Sua decisão de conceder liberdade aos sacerdotes « *non una cum* », decisão tomada em Avrillé em julho de 2014 e aceita por todos os sacerdotes presentes, não foi respeitada.

Mas tudo isso não desanimará os confrades hesitantes da FSSPX?

Não. No dia em que esses sacerdotes pararem de se iludir com as infidelidades da FSSPX, no dia em que pararem de pisar em sua consciência para evitar cumprir seu dever difícil, nesse dia, terão a coragem de fundar bastiões, onde estiverem, como fizeram muitos sacerdotes antes deles. Em 1970, esses sacerdotes refratários não precisaram de tal bispo ou de tal estrutura para cumprir seu dever. Como lembrava um famoso Professor: « *O primeiro dever do homem é ser homem* ». Para ser fiel a Deus, não é necessário esperar que os outros o sejam. Deus não nos pede para salvar o mundo, mas para salvar nossa alma. O que é possível mesmo quando tudo desmorona. Daí o aviso do salmista: « *Que mil caiam ao teu lado, e dez mil à tua direita, você não será atingido* ».

E a esse respeito, voltamos sempre ao aviso do Padre Calmel:

> « *O meio de permitir que o combate cristão alcance toda a sua amplitude, escapando aos conflitos internos e às rivalidades externas, é conduzi-lo por pequenas unidades, que se conhecem na medida do possível, que se ajudam quando necessário, mas que recusam entrar em não sei quais organizações sistemáticas e universais. Nessas diversas unidades, como uma modesta escola, um humilde convento, uma confraria de piedade, um pequeno grupo entre famílias cristãs, uma organização de peregrinação, a autoridade é real e indiscutível; o problema do chefe praticamente não se coloca; a obra a ser feita é precisa. Trata-se apenas de ir até o fim de sua graça e de sua autoridade na pequena esfera que se tem sob sua responsabilidade, mantendo-se conectado, sem grandes máquinas administrativas, com aqueles que fazem o mesmo*.” (*Itinéraires*, “Autoridade e santidade na Igreja”, N° 149 – janeiro de 1971)

Finalmente, se a situação é deplorável, não é desesperada, pois como escreveu o próprio Mons. Williamson a Padre Roy:

« *Para a confirmação de seus paroquianos, eu estou longe de ser a única pedra episcopal na praia. Vocês têm pelo menos dois ex-sacerdotes da FSSPX, agora bispos há muitos anos, mais próximos de seu non una cum e à mão nos EUA, que poderiam atender seus paroquianos: Mons. Daniel Dolan em Ohio e Mons. Donald Sanborn na Flórida. Que Deus esteja com vocês. + Richard Williamson.* »

Que possamos ter a coragem de nos mostrar como realmente somos e não viver com uma máscara, e isso já será um vislumbre da felicidade que Deus nos prometeu.

O diretor de *La Sapinière*